

Num dia qualquer de setembro¹

A repetição psíquica do trauma não se elabora apenas nos meandros perlaborativos de sujeito psíquico, mas insiste e se instila a partir e através das instituições que transmitem, apagam ou opacificam a inscrição de experiências devedoras da força que as produziu e fundou. A partir da aplicação dessa força abre-se um fundo abissal de ignorância em direção ao qual somos invariavelmente, e repetidamente, empurrados, ora como objetos e anteparos da força aplicada no trauma, por obra do trauma, ora como intérpretes.

Não será casual, mas legitimamente constituído, que esse evento tenha sido organizado precisamente no dia 11 de setembro, ano em que os EUA viveram o mais importante ataque estrangeiro em seu território. Quer acreditem ou não a data foi efeito de uma escolha inconsciente cuja justificativa foi uma tentativa de compatibilizar datas em função de uma viagem que farei em breve para a Polônia para visitar alguns memoriais, entre eles o de Auschwitz-Birkenau.

Em busca de uma data que conciliasse tudo, o 11 de setembro foi lentamente se configurando e se constituindo como efeito de tantas marcas que se aprofundam em nós e das quais, ao fim e ao cabo, não podemos esquecer. Esse esquecimento impossível, seja ele efeito do recalque, da alienação ou do

1 Este artigo foi publicado em sua primeira versão no Correio da APPOA.

apagamento radical instruído pela experiência traumática, como vimos, insiste a partir das marcas singulares que nos constituem e, não raro, encontram guarida na repetição e expressão no sintoma. O 11 de setembro, portanto, data de nosso evento é um sintoma de nossas marcas e de tantas outras que, nesse momento, se unificam.

Tal evento que jamais será esquecido, permanentemente lembrado por cada um dos cidadãos americanos e que será, sucessivamente, retransmitido pelas instituições americanas ao longo dos séculos vindouros se revela, hoje, como ocasião para debater os efeitos de um ataque americano contra cidades e cidadãos japoneses. O mais importante e devastador ataque ocorrido em território japonês.

Lá, nos EUA, a destruição foi, como em Hiroshima e Nagasaki, um efeito, puro e simples, do uso da força. Força imensa que ainda hoje reivindica inteligibilidade. Evocarei então uma outra superposição histórica citando um trecho de um filme do diretor Ken Loach sobre o 11 de setembro:

Queridos mães, pais e entes queridos de todos aqueles que morreram em 11 de setembro, em Nova York. Eu sou chileno, moro em Londres, e gostaria de dizer que talvez tenhamos algo em comum. Seus entes queridos foram assassinados como os meus e nós temos uma data comum: 11 de setembro.²

Assim começa o curto filme de Ken Loach num conjunto de curtas realizados em 2002 por diferentes diretores sobre o 11 de setembro de 2001, um ano após o atentado às torres gêmeas. Em 11 de setembro de 1973 bombas caíam também sobre o Palácio de La Moneda, no centro de Santiago. Caças passavam rasantes bombardeando a sede da presidência da república. O golpe militar, deflagrado nesse dia, depôs o então presidente socialista eleito Salvador Allende que, no mesmo dia, se suicida. Ao longo dos 17 anos que duraram a ditadura chilena sob o comando do General Augusto Pinochet, mais de 30 mil mortos e milhares de torturados, humilhados, subjugados por todo o Chile.

2 Trecho extraído do filme de Ken Loach realizado para compor onze curtas metragens para o filme 11'09"01. O filme foi produzido por Alan Brigand. O filme foi premiado com o prêmio UNESO no Festival de Veneza em 2002 e o curta de Ken Loach, que compõe o filme foi agraciado com o prêmio FIPRESCI de melhor curta metragem em Veneza.

Após a posse de Salvador Allende, Henry Kissinger, então secretário de estado americano, disse que não havia razão para que um país se torne comunista. A essas declarações seguiram o embargo econômico dos EUA ao Chile, o apoio americano a grupos de extrema direita no país, a doação de 10 milhões de dólares para o combate ao comunismo e a autorização do então presidente dos EUA, Richard Nixon, para que a CIA se envolvesse diretamente nas ações anticomunistas. Essas ações incluíram tentativas de instabilização à candidatura de Allende ao posto de presidente da república, antes mesmo das eleições; apoio e patrocínio de atividades terroristas contra o governo de Allende, como o pagamento pela CIA de US\$ 35 mil a um grupo de militares chilenos pelo assassinato, em 1970, do general René Schneider, comandante-chefe do Exército fiel a Allende, durante um fracassado golpe de estado planejado por Washington. Ações que contribuíram decisivamente para que o golpe militar de 1973 tivesse pleno êxito.

Após o golpe, campos de tortura foram criados pelo governo militar chileno. Esses campos eram dirigidos por oficiais do exército treinados pela CIA e o apoio ao governo militar chileno e a simpatia de Kissinger por Pinochet, eram públicos e notórios.

Ken Loach preferiu discutir os efeitos de uma prática terrorista contumaz americana em outros países, preferiu perguntar aos americanos que sofreram o ataque ao World Trade Center e ainda afogados em dor, as razões pelas quais somos incapazes de lutar contra as catástrofes políticas, ignorantes de que elas são expressões fugazes de uma rotina persistente, sorrateira e inexorável de captura, domínio e subjugo de povos e nações inteiras.

Loach quis aproveitar o momento de lutos e dores ainda inquietas, para compreender a solidão dos que são alvo e protagonistas de longas e deliberadas políticas do governo terroristas, sem que sequer suspeitem disso. Faz um apelo grandiloquente, que pode ser traduzido como um pedido, para que essa catástrofe não seja compreendida como a pior, nem a única, mas como um efeito de tantas outras cometidas pelo governo americano que coloca o próprio povo americano em risco permanente e o isola de outros povos do mundo, defendendo interesses escusos e ignorados pela maioria dos americanos.

Ken Loach foi perspicaz e corajoso, como em muitos de seus filmes nos quais o debate político ocupa o centro. Fez de sua curta película uma oportunidade de recolocar questões importantes e não deu qualquer atenção a uma aliança patética entre dor e luto, por um lado, e catarse e ausência de pensamento e crítica por outro. Ao contrário, ele sugere que momentos como esse são privilegiados para que experiências psíquicas primárias sejam revisitadas como sinal angustiante de uma compreensão inacabada, uma possibilidade de compreensão inédita, a alguma distância do narcisismo e do trauma para o qual somos tragados na experiência catastrófica.

Se as catástrofes produzem marcas incontornáveis é possível provê-las de um destino. Esse destino, porém, não é apenas refém dos afetos e de sua mera expressão, lições que aprendemos com a clínica psicanalítica, mas a implica na constituição de um dispositivo comum e, talvez, numa aliança comum (o 11 de setembro) infenso a explicações benevolentes e sintomáticas. Não há escusas para a recusa ao pensamento, nem a dor.

As consequências dos muitos 11 de setembro, contudo, não são invisíveis, mas espetaculares, exibíveis e jamais apresentadas ao lado de suas verdadeiras intenções. Por que, quase 10 anos depois do atentado, o primeiro presidente negro americano da história dos EUA performa uma das mais estupidas violações já conhecidas nos últimos anos, durante a caçada ao terrorista confesso dos atentados de 11 de setembro Osama Bin Laden? Fez isso violando o espaço aéreo de outra nação (Paquistão) que apóia os EUA, matando a queima roupa os familiares de Bin Laden e jogando seu corpo ao mar após tê-lo assassinado, desrespeitando as leis do islã, mas também o direito internacional. Por que os EUA continuam dando as costas para os pactos e acordos internacionais e mudando a cerca de lugar para ampliar a área de seu quintal? Por que Bin Laden não foi levado aos tribunais internacionais onde, enfim, sua longa história repleta de segredos e ambiguidades, como amigo e inimigo dos EUA, finalmente seriam esclarecidas, como também as mazelas inauditas de sucessivos governos americanos em outros países?

Para provar que Obama não é um frouxo, afeminado e submisso nada como violar a legislação internacional, ridicularizando os países que a respeitam. E para fazer isso, nada mais flagrante do que continuar a invadir países como estratégia *sine qua non* da política internacional americana, assassinando

e torturando muçulmanos dentro e fora das prisões, como já o fizeram apoiando os piores procedimentos de governos militares na América do Sul nas décadas de 1960 e 1970 e, depois, na América Central a partir da década de 1980.

Obama não fechou Guantánamo, não retirou as tropas do Afeganistão descumprindo conhecidas promessas de campanha eleitoral, e usurpou o mundo do julgamento de Bin Laden, zombando do direito estabelecido e consagrado entre nações. Então, quem é Barack Obama? Teria sido a mais perfeita farsa e a maior decepção planetária do mundo ocidental nesse século, forjada por anseios falsos e ilusões herdeiras das utopias fantasmáticas de um impossível? Obama não era herdeiro do negro escravo americano, semelhante a outros negros linchados no final do século XIX, até a metade do século XX apenas porque eram negros?³ Não, Obama foi o negro que se sobressaiu pelo seu talento e inteligência, mas também pelo acesso a oportunidades a que teve acesso, negadas a grande parte da população negra americana. Mas se não for também negro, quem será Obama? Branco?⁴

Muitas das novas figuras que hoje são protagonistas aguardados na política estão às vésperas de perderem não apenas as palavras de ordem de outrora, mas também se arriscam a não terem grandes causas a defender, nem a própria história a merecer. Estariam eles sendo proscritos de sua própria história, subjugados pelas próximas eleições e resignados diante da mais fundamental tarefa de um estadista, que é infletir institucionalmente a história, para que seus governados acreditem poder fazer o mesmo?

Que lugar estranho é esse consagrado aos novos presidentes, herdeiros de um mundo pior e, muitas vezes, impotentes para melhorá-lo? E quais deles saberão abolir o recalçamento da própria história para voltar a exibí-la e compartilhá-la como fundamento histórico das nações, muitas delas ainda com democracias capengas e claudicantes?

3 Remeto o leitor ao artigo Endo, P. Vida e morte no pensamento social e político brasileiro e as teses fundamentais de Totem e Tabu: O Caso dos Linchamentos. In: Souza, M.; Martins, F. & Araújo, J. N. G. *Dimensões da Violência*: conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico, pp.93-102, 2011.

4 Ver *Is Obama Black enough?* Breve comentário na revista Time sobre o reconhecimento de Obama como negro nos EUA. Disponível em: <http://www.time.com/time/nation/article/0,8599,1584736,00.html>. Data de acesso: 07/08/2011.

No Brasil vivemos o mesmo impasse. Como o Chile, vivemos uma ditadura civil-militar entre 1964 e 1985 e, como no Chile, na Argentina, na Nicarágua, na Guatemala e no Uruguai a ditadura também foi apoiada pelos EUA.⁵

Muito longe do risco socialista que ameaçava se esparramar a partir de Cuba na década de 1960, temos hoje, no comando do país a primeira presidenta do Brasil. Guerrilheira, torturada à frente de um país que há tempos ocupa o topo das listas de agressão contra as mulheres.

Diante de Dilma, a primeira presidenta do Brasil, a histórica sentença da Corte Interamericana de Direitos Humanos no caso dos guerrilheiros do Araguaia, que declara a obrigação do país em punir os responsáveis pelos assassinatos cometidos na região do Araguaia no período da ditadura, que sentencia a retomada imediata das escavações para que se encontrem as ossadas dos mortos e desaparecidos e as entregue aos familiares, que por sua vez anseiam por sepultar e enlutar seus entes queridos. E declara a lei de anistia brasileira incompatível com a Convenção Americana de Direitos Humanos, como instrumento de impunidade e aliado das violações de direitos humanos.⁶

Diante dela José Sarney, Fernando Collor de Melo, Nelson Jobim e tantos outros favoráveis ao sigilo eterno de documentos históricos da história do país, favoráveis à preservação da anistia a torturadores e assassinos da ditadura do passado. Personagens que apostam e apostaram tudo no apagamento como instrumento que prepara usurpação da história, e como promotor de uma cultura que banaliza e cotidianiza graves violações.

A insistência na moldura que sustenta a nova presidente da República (mulher, ex-guerrilheira, ex-torturada) revelar-se-á imerecida? É possível projetar na Presidenta da República do Brasil, realização dos sonhos e das expectativas de muitos que reconhecem nela uma legítima herdeira do melhor

5 Para uma consulta rápida ver Chomsky, N. *O que o Tio Sam realmente quer?* Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/media/2009/10/456172.pdf>. Data de acesso: 04/08/2011; Rapoport, M. & Laufer, R. *Os Estados Unidos diante do Brasil e da Argentina: os golpes militares da década de 1960*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n1/v43n1a04.pdf>. Data de acesso: 05/08/2011.

6 Ver íntegra da sentença da Corte Interamericana de Direitos Humanos no caso Araguaia em: http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_219_por.pdf.

que temos em termos de tradição e convicção política? E como poderemos ampará-la para que ela realize o melhor de suas convicções e suporte nossas projeções?

Efeito das melhores fantasias, tendo de responder a elas e também recusá-las veementemente, seu governo será capaz de nos educar para que, no recôndito dos porões não permaneçam os justos, mas apenas aqueles que os obrigaram a negar sua história? Será possível termos, agora, já e sem adiamentos, nesse momento histórico único, nossa democracia alicerçada pela revelação do teor dos conflitos entre aqueles que lutaram por ela e os que lutaram para enterrá-la? Se muitos desses personagens são hoje protagonistas da cena política brasileira e mundial, o que esperar daqueles que ofereceram a vida para que a democracia subsistisse, senão apenas que eles cumpram a promessa que um dia fizeram a si mesmos?

Rafael Correa no Equador, Evo Morales na Bolívia, José Mujica no Uruguai, Barack Obama nos EUA, Dilma Rousseff no Brasil serão o anúncio de uma inflexão histórica nas Américas ou apenas o anúncio de homens e mulheres que, como efeito dos ideais de milhões e de suas convicções mais profundas, não suportarão o peso de sua própria história sobre os ombros?

A força que nos faz recuar diante das atrocidades, propõe e nos convoca, entretanto, para que a força disruptiva que instala o traumático não seja refúgio do silenciamento e nem pretexto para o esquecimento das condições necessárias e prévias pra que uma catástrofe se tornasse possível.

O dever de memória não é um jogo de atribuições e méritos, mas é necessariamente atravessado por um dever moral que fora impossibilitado primeiro, e ridicularizado depois, por obra da força bruta. Reerguer esse dever não impõe a necessidade do tormento de uma dívida, mas a possibilidade de fazer diferente.

O sentido que atravessa o dever de evitar que as catástrofes políticas aconteçam novamente, assumido por muitos como dever de memória, é, também, o direito de fazer de novo e diferente sempre que a catástrofe se imponha como necessária e a única alternativa imaginável.

Laços com Hiroshima

Em 1995, por ocasião dos 50 anos do aniversário do final da Segunda guerra, o Smithsonian National Air and Space Museum, localizado em Washington D. C., planejou realizar uma exposição denominanda O último ato: a bomba atômica e o fim da Segunda guerra mundial. A exibição da fuselagem do mundialmente conhecido B-29, Enola Gay, foi o foco principal da exposição, mas ao mesmo tempo a exposição incluía pela primeira vez em museu nacional americano uma gama de objetos de Hiroshima e Nagazaki. A cidade Hiroshima decidiu ceder uma lancheira queimada, uma peça importante e famosa da coleção do memorial da paz. Sua tradução, entretanto, seria impossível, e mesmo imprópria, para um cidadão americano celebrando os vitoriosos da guerra. Como expor lado a lado o prateado e vistoso Enola Gay e uma lancheira de uma criança que ia para a escola com o lanche calcinado em seu interior.

Um pequeno objeto cuja criança que o portava foi devastada resistiu ao desaparecimento emitindo, contudo, os sinais do absurdo no seio da absoluta destruição. O horror de crianças japonesas pulverizadas pelo *little boy*. Nome dado pelas forças armadas americanas à bomba atômica.

Todavia esse projeto inicial de uma exposição que apresentaria essa tensão radicalmente contraditória e paradoxal, foi rejeitado pelo comitê supremo do Smithsonian, encabeçado na ocasião pelo vice-presidente americano. Por fim a exposição foi realizada com a exposição de uma única peça, o Enola Gay.

É possível que até hoje o que nos ofusca em relação a esses eventos e experiências do ataque americano à população de Hiroshima e Nagazaki, como observou Ryuta Imafuku⁷, seja a fuselagem prateada do Enola Gay e, depois, o cogumelo atômico, impressionante paisagem dos que vêm os efeitos espetaculares e esteticamente apreciáveis, de algo que a curta distância não é mais

7 Ryuta Imafuku é professor e antropólogo japonês. Esteve no Brasil em 2000, por ocasião do seminário internacional Imagem e Violência organizado pelo SESC/São Paulo. Remeto o leitor para seu texto Ocupação visual nas ilhas: imagem e violência no Japão pós-guerra, atualmente disponível no endereço: <http://www.studium.iar.unicamp.br/pcs.php?indice=v&chave=189>. Data de acesso: 28/06/2015.

do que corpos empilhados, gritos, mutilação, fogo e dor sob o pó rude das ruínas.

O cogumelo exuberante e o brilho solar da bomba selam as distâncias entre a maravilha tecnológica e os corpos e almas que ela esfacela.

Um das primeiras imagens do cogumelo atômico foi captada ainda no Enola Gay, a 25.000 pés, minutos após a queda da bomba sobre Hiroshima. E foi essa a imagem reveladora de um sentido de conquista, vitória, tecnologia avançada e orgulho que predomina como constantes veredictos que atentam contra a memória, na mesma medida em que nos instruem sobre o que deve e pode ser lembrado.

Por dentro, contudo, as imagens são outras.

Como testemunha Teru Furuta:⁸

Uma amiga contou-me como ela agarrou uma vítima queimada pelo braço para ajudá-la, mas a carne no braço sem pele esfarelava-se como tofu. Ela não podia esquecer outro chamado de uma amiga pedindo ajuda sobre as ruínas e como ela fugia do fogo que estava engolfando sua amiga.

Eu estava a apenas 800 metros de distância do epicentro e sobrevivi sem ferimentos, porque fiquei dentro de minha casa. Eu agradeço por minha sorte e reflito sobre as atrocidades da guerra e da bomba atômica que, num instante, levou muitas vidas inocentes. Eu estou profundamente consciente da insanidade da guerra que traz medo e invade o coração das pessoas: eu rezo para que guerras como essa nunca mais aconteçam.

8 Hiroshima Jogakuin Alumni Association, For those who pray for Peace. Hiroshima: Greenbreeze limited Inc., 2005, p. 28.

Depois do bombardeio, a cidade de Hiroshima queimou por seis dias; então as pessoas começaram a construir cabanas de estanho e casas naquela terra que permanecerá estéril por 75 anos.

Eu acredito que é importante lembrar a força da humanidade.

Reproduzo outro testemunho de Reiko Kajitani:⁹

Uma vez eu cheguei em casa e havia alguns refugiados em minha casa. É uma cena que eu jamais esquecerei. Nossa pequena casa estava repleta com duas pessoas no hall de entrada e duas no quarto da família. As três pessoas que estavam no hall de entrada eram o sapateiro, sua esposa e sua filha de 4 ou 5 anos. Seu corpo estava coberto por queimaduras. Eu não me lembro de seu nome então vou chamá-la de Michiko.

Quando seu pai a carregava nos braços ela chorava. Isso dói, isso dói. Minha mãe trouxe um cobertor, então ela poderia deitar. Mesmo após deitada Michiko chorava com uma voz fraca e reclamava de sua dor. Minha mãe achou um velho kimono de verão e molhou para esterilizá-lo e então transformou-o em tiras para fazer bandagens. Nós tínhamos apenas uma pequena tintura medicinal para queimaduras mas não era o suficiente para cobrir suas queimaduras.

Nós cuidadosamente colocávamos as bandagens em Michiko, mas como ela havia queimado seu rosto também, ela se parecia com um pacote de bandagem quando terminávamos. Todos os dias Michiko chorava de dor até a exaustão e então dormia. Nós não conseguíamos encontrar um médico ou remédios e tudo o que podíamos fazer era ligar o ventilador e fazer alguma brisa fria.

Um dia algo aconteceu que ficou em minha memória até hoje. A voz de Michiko estava lentamente perdendo a força. Meus pais

9 Idem, *Ibidem*, p. 35-36.

não estavam longe e eu estava lendo um livro ao seu lado quando subitamente ela começou a falar em seu sono. Sua voz era clara e forte. Mamãe, as flores estão tão bonitas. Há borboletas também, veja ali! Você pode pegar uma para mim?. Oh há outra...rápido, rápido...ali!

Assustado eu fechei o livro e olhei para o rosto de Michiko. Ela estava dormindo pacificamente e sonhando com lindo campo repleto de flores e borboletas. Ela habitava o seu estado onírico por um tempo, até sua voz se apagou. Eu tive um senso de urgência e chamei por ajuda, mas era muito tarde. Michiko havia morrido pacificamente. Finalmente ela estava livre de sua dor e sofrimento.

No livro *A trégua*, Primo Levi descreve seu encontro com uma criança em uma enfermaria:

Hurbinek era um nada, um filho da morte, um filho de Auschwitz. Aparentava três anos aproximadamente, ninguém sabia nada a seu respeito, não sabia falar e não tinha nome... [...] Estava paralisado dos rins para baixo e tinha as pernas atrofiadas; mas os seus olhos, perdidos no rosto pálido e triangular, dardejavam terrivelmente vivos, cheios de busca de asserção, de vontade de libertar-se, de romper a tumba do mutismo. As palavras que lhe faltavam, que ninguém se preocupava de ensinar-lhe, a necessidade da palavra, tudo isso comprimia seu olhar com urgência explosiva: era um olhar ao mesmo tempo selvagem e humano [...].

Hurbinek, que tinha três anos e que nascera talvez em Auschwitz e que não vira jamais uma árvore; Hurbinek que combatera como um homem, até o último suspiro, para conquistar a entrada no mundo dos homens, do qual uma força bestial o teria impedido; Hurbinek, o que não tinha nome, cujo minúsculo antebraço fora marcado mesmo assim pela tatuagem de Auschwitz. Hurbinek

*morreu nos primeiros dias de março de 1945, liberto mas não redimido. Nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras”.*¹⁰

Palavras que jamais ditas que Hurbinek suportava, palavras coagidas e subalternizadas pela dor de Michiko, aquela que não tinha nome, ou cujo nome se esboroava nos vestígios de um apagamento em dor, impossível de lembrar e proferir.

A palavra que conduz, vela e cala no corpo atrofiado de Hurbinek é a mesma que a dor sufocou no corpo frágil de Michiko. As palavras não ditas, inauditas que sobrevivem nos olhos dos que velaram o fim lento e agudo entre gritos, gemidos e silêncio.

As borboletas de Michiko, suspensas e colapsando, por um instante a dor e a morte perduram fugazmente como as palavras que Hurbinek jamais proferiu.

Como fazer re-pousar a borboleta quieta e demorada que mitigou as dores do corpo em brasa de Michiko?

Borboletas para Michiko e palavras para Hurbinek perduram como traços de uma história que denuncia a distância entre sucessivos governos que pisam e sufocam secularmente a singularidade do homem comum, porque a detestam quando se interpõem no caminho resolutivo de suas máquinas de guerra. Entre as máquinas e a devastação, sobram palavras não proferidas e borboletas apenas imaginadas no horizonte incerto do tempo improvável que não prepara o futuro para o homem comum, mas insiste na indiferença da delicadeza diante dos abismos do traumático.

10 LEVI, P. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 30-31.